

Apesar dos riscos, recuperação deve continuar.

304 A recuperação da economia, que se iniciou este ano, tem todas as condições para prosseguir em 85, ressalvados três riscos: o tratamento a ser dado à dívida interna do setor público (renegociação, desindexação, monetização do déficit etc.); aceleração inflacionária acima do razoável,



obrigando o governo a retroceder na política de expansão interna; e finalmente a elevação de taxas de juros internacionais, conjugada com a contração abrupta das exportações brasileiras.

Essas considerações são do economista Celso Luís Martone, professor de Economia da USP, que participou ontem de uma reunião informal promovida pelo grupo London Multiplic, banco de investimentos associado ao Lloyds Bank Group, sobre o tema "Perspectivas Econômicas para 85". Martone lembrou que, apesar dos riscos previstos para o próximo ano, as perspectivas de recuperação da economia para 85 são efetivamente favoráveis.

Na sua opinião, existe um espaço concreto para que as importações (exceto de petróleo) aumentem 20% em dólares correntes no próximo ano. Além disso, há capacidade ociosa mais ou menos generalizada, particularmente na indústria de bens de consumo, de tal forma que a expansão de demanda final poderá ser atendida sem investimentos significativos na indústria.

Martone entende que, a nível de política

econômica, parece inevitável que a partir de março o novo governo implemente um programa de emergência para a geração de empregos de baixa renda em todo o País. Isso implicaria expansão de gastos públicos, aumento da massa real de salários e do consumo das faixas mais baixas da população, principalmente no setor de bens não duráveis de primeira necessidade.

— É possível prever também que haverá pressões fortes para a recomposição real dos salários (ele cita a nova lei salarial e os reajustes trimestrais como indicadores dessa recuperação), e também pressões para a introdução de subsídios à prestação da casa própria, ambos os efeitos estimulando o consumo.

Certamente haverá também, na opinião de Martone, uma ação decisiva do governo para redução das taxas de juros reais, seja pela desindexação, seja pela ação das autoridades monetárias.

Martone lembrou que, como resultado das novas pressões previstas por ele, é provável um crescimento do PIB entre 4 e 5% no ano que vem, dependendo do desempenho do setor agrícola, que não deverá ser favorável.

— No corrente ano, a indústria deverá crescer em torno de 6%, a agricultura cerca de 4% e o comércio deverá contrair-se cerca de 5%. Para 1985, o cenário provável é de um crescimento industrial da ordem de 7%, uma estabilidade na área agrícola e um crescimento acelerado do comércio, implicando que o padrão e composição do crescimento verificado este ano deverão alternar-se entre mercado externo e mercado interno.

O economista acha que em 1985 será o mercado interno, e não o mercado externo, o elemento dinâmico, mesmo porque as perspectivas de crescimento de exportação em geral são modestas, com a possível exceção dos setores ligados à extração mineral.

— No setor público, multiplicam-se as pressões para a recomposição salarial das empresas e autarquias, disse o economista, e também para a retomada dos investimentos estatais. A desarticulação administrativa da transição de governo e a necessidade premente de um novo governo buscar legitimidade junto à máquina burocrática e à opinião pública deverão criar, nos primeiros meses de 85, uma permissividade de gastos que num primeiro momento, expande a atividade econômica e, num segundo, reacende a inflação. Temos assim, na inflação, o primeiro grande risco ou ameaça a uma recuperação duradoura da economia.

O economista disse ainda que "a taxa inflacionária de 84 deverá situar-se em torno de 216%, e esse nível, que já prevalece por dois anos, representa um tipo de equilíbrio inflacionário, desde que não ocorram novos choques adversos de preços ou de política econômica". Para 1985, acrescentou, não se pode antecipar novos choques do tipo do último importante ocorrido (a maxidesvalorização do cruzeiro, ocorrida em fevereiro de 1983, junto com pressões de preços agrícolas).

Celso Martone, que é assessor econômico das empresas London Multiplic, acha que a possibilidade de maior descontrole monetário surge da hipótese de um aumento do déficit fiscal no próximo ano.